

Património e futuro

Vitor Cóias | Presidente da Direção do GECORPA | vitorcoias@gecorpa.pt

Os finais do século XIX pareciam anunciar um futuro risonho para a humanidade, construído sobre um imparável desenvolvimento científico e tecnológico. As nações ditas civilizadas competiam umas com as outras, exibindo, nas sucessivas exposições universais realizadas a partir de 1851, o melhor dos produtos das suas indústrias e as aplicações práticas das mais recentes descobertas científicas, tudo aparentemente se conjugando para um crescimento sem limites da economia mundial e do bem-estar das populações.

N

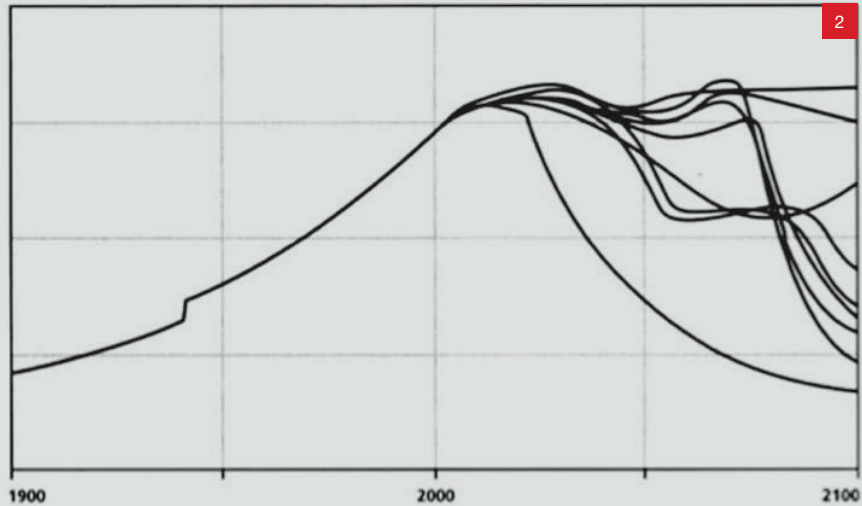
o virar do século o triunfalismo extravasou para as artes, com o movimento futurista de Marinetti, e o seu manifesto de 1909, baseado numa visão dinâmica da vida moderna, voltada para o futuro, exaltando a força, a velocidade e a energia.

Suspensa pelas duas guerras mundiais, a fé inabalável na ciência e na técnica como remédio para todos os males do mundo renasceu nos anos cinquenta: a promoção das infindáveis aplicações das descobertas científicas transfere-se da eletricidade, na Exposição Internacional de Paris de 1881, para a energia atómica, com a Expo de Bruxelas de 1958 e o seu emblemático *Atomium* (fig. 1), símbolo esperançoso das aplicações pacíficas da era atómica que, de forma trágica, se iniciara apenas treze anos antes.

Infelizmente, o *genius seculi* é hoje o oposto do que deu corpo às sucessivas exposições mundiais e ao movimento futurista. Vemo-nos, agora, confrontados com os limites impostos pela capacidade da biosfera e do ecossistema de que, enquanto espécie, fazemos parte e dependemos. A existência desses limites é conhecida desde os anos sessenta, com o livro publicado em 1962 por Rachel Carson [2] e a conferência de Paris sobre o uso racional dos recursos e a conservação da biosfera, promovida pela UNESCO em 1968. Mas foi desde 1972, com a publicação do livro *Limits to Growth*, de Donella Meadows e outros, que se tornou possível antever as consequências a que nos levará o modelo de crescimento económico em que temos vindo a insistir, em cenários desenhados com crescente clareza



1



2

1 | O Atomium, símbolo da Exposição Universal de Bruxelas de 1958, do domínio do átomo pelo Homem e das promissoras aplicações pacíficas da energia atômica [1].

2 | Bem-estar humano médio da população humana do planeta, medido combinando o rendimento per capita com outros indicadores de bem-estar. Sobreposição dos nove cenários estudados por Meadows et al [3]. A maior parte dos cenários mostra um rápido declínio do bem-estar durante o século XXI, a partir do presente.

nas duas edições que se seguiram, do mesmo grupo de autores, em 1992 e em 2004 [3]. Estes dois últimos livros puseram em evidência o facto de nos encontrarmos já em *overshooting*, tal como um avião que vai aterrar numa pista curta de mais para a velocidade e o peso que traz. Tornou-se, portanto, claro, para todos os setores de atividade humana, que há limites àquilo que é possível fazer, para não pôr em risco os equilíbrios do ecossistema planetário, e que os recursos postos à nossa disposição têm de ser usados de forma sustentável. Tal princípio aplica-se, não só aos

recursos existentes no nosso património natural, mas também aos que fazem parte do nosso património cultural. A Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e

Natural, aprovada pela UNESCO na conferência geral reunida em Paris em 1972, o mesmo ano da publicação do livro de Donella Meadows e coautores, é, nesse sentido, um marco determinante. Ambos os patrimónios estão ameaçados pelos atual modelo de crescimento económico e a salvaguarda de ambos clama por mudanças radicais. As últimas décadas do século XX foram, portanto, as da tomada de consciência dos limites ao crescimento da atividade humana e dos riscos resultantes do desrespeito desses limites.

Na versão de 2004, Meadows e os seus coautores apresentam as simulações feitas com o modelo *World3*, para nove cenários (fig. 2). Este modelo computacional, desenvolvido para a versão de 1972 e sucessivamente



O século XXI será – tudo leva a crer – aquele em que se decidirá o futuro da comunidade humana global: ou a estabilização num regime sustentável, necessariamente com padrões de consumo bem mais frugais do que os que atualmente prevalecem nos países ricos, ou um rápido declínio – se não um colapso – do nível de bem-estar médio.



aperfeiçoado, permite articular um variado conjunto de dados e teorias, e, a partir das opções do presente, prever as consequências no futuro. Seis desses nove cenários mostram, até ao fim do presente século, uma rápida degradação do bem-estar humano, de que depressão crónica das economias mais débeis e a violência irracional de movimentos extremistas podem ser já o começo. Apenas dois parecem indicar, para o conjunto das populações do planeta, a manutenção de um nível de bem-estar médio relativamente elevado: semelhante ao que têm, hoje, países como Portugal.

O século XXI será – tudo leva a crer – aquele em que se decidirá o futuro da comunidade humana global: ou a estabilização num regime sustentável, necessariamente com padrões de consumo bem mais frugais do que os que atualmente prevalecem nos países ricos, ou um rápido declínio – se não um colapso – do nível de bem-estar médio.

Reconhecendo a importância do património cultural para um desenvolvimento económico sustentável e para a qualidade de vida das populações, o Conselho da Europa dedicou-lhe grande atenção na Convenção-Quadro relativa ao valor do Património Cultural para a Sociedade, assinada em Faro, em 27 de outubro de 2005. Definem-se, neste documento, os prin-

cípios a que deve obedecer a utilização sustentável do património cultural e a valorização das suas potencialidades enquanto fator de desenvolvimento económico sustentável.

Coloca-se, portanto, a questão de prever como se refletirão, nas próximas décadas, sobre a gestão e valorização do Património Cultural, os constrangimentos de vária ordem impostos por um regime de desenvolvimento económico mais consentâneo com a sustentabilidade.

Para a Europa e, em particular para Portugal, destacam-se alguns desses constrangimentos:

- Menor disponibilidade de recursos financeiros por parte do Estado;
- Alteração na estrutura do turismo ou redução do número de turistas;
- Secundarização dos objetivos culturais relativamente a outros de maior urgência;
- Redução e envelhecimento da população local.

Tal como as alterações estruturais impostas pela sustentabilidade dos regimes económicos, também os constrangimentos sobre a gestão do Património não se colocarão ao mesmo tempo e com a mesma acuidade nos diferentes países, sendo os de economias mais débeis, como o nosso, os mais rapidamente e mais profundamente afetados.

No seu conjunto, estes constrangimentos limitarão em maior ou menor grau o investimento público na promoção da conservação e da valorização do património cultural, em particular, do construído, e deixarão esse património cada vez mais dependente da iniciativa dos promotores privados. Nas economias mais precárias, como a nossa, estes constrangimentos são já patentes e podem ser vistos como as primeiras fissuras do colapso que se avizinha.

O futuro do Património cultural está indissoluvelmente ligado ao da própria civilização, tal como a conhecemos. O estabelecimento de um regime globalmente sustentável, nas vertentes económica, social e ambiental, exige, ainda segundo Meadows, *visão de longo prazo, cooperação, veracidade, capacidade de aprender e amor pelos outros*. Estarão as diferentes comunidades humanas empenhadas para cultivar estas virtudes? ■

REFERÊNCIAS

- [1] Disponível em: https://www.google.pt/search?q=atomium&espv=2&biw=1536&bih=767&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjQz6C_w-vMAhVH-WBQKHfVcDI4QsAQIGg#tbn=isch&q=atomium+belgia&imgrc=TOWvgKs2m2vSOM%3A
- [2] CARSON, Rachel – *Silent Spring*, Modern Classics, Penguin Books, 2000 (Reimpressão).
- [3] MEADOWS, Donella, RANDERS, Jorgen, e MEADOWS, Dennis – *Limits to Growth. The 30-Year Update*. White River Junction, Chelsea Publishing Company, 2004.